

DIRETO NO FRONT

FORNECIMENTO DE ARMAMENTOS DOS ESTADOS UNIDOS PARA A ARÁBIA SAUDITA E POSSÍVEIS CRIMES HUMANITÁRIOS: UMA ANÁLISE SOBRE A GUERRA NO IÊMEN

Beatrice Daudt Bandeira¹
Heitor Cassiano Senra Neves²

O movimento que teve início no Iêmen em 2015 como uma série de manifestações populares pela deposição do presidente Ali Abdullah Saleh, no contexto da Primavera Árabe (2011), no mesmo ano progrediu para um violento conflito armado entre grupos separatistas e legalistas iemenitas, favoráveis ao governo eleito do ex-presidente Abd Rabbuh Mansur Al-Hadi. Desde sua gênese, o conflito conta com a interferência de potências regionais como a Arábia Saudita e o Irã, e de grupos extremistas islâmicos, como a Al-Qaeda na Península Arábica (AQAP, na sigla em inglês) e o Estado Islâmico. Atualmente, a guerra no Iêmen configura um “desastre humanitário”, como bem destaca as Nações Unidas, sendo que desde o início do conflito foram contabilizadas mais de 233 mil mortes, das quais 131 mil foram resultado da falta de alimentos e da disponibilidade dos serviços de saúde no país (A ‘GUERRA...’, 2022).

O cenário de crise humanitária pode ser visto como facilitado pelo bloqueio imposto em 2017 pela coalizão internacional liderada pela Arábia Saudita (FARIA, 2020), que impediu o fornecimento de insumos médicos e de alimentos ao país. Tal bloqueio trata-se de uma resposta a um ataque de míssil dos houthis em direção a Riad, capital saudita, realizado no mesmo ano (GRAAN, 2017). Os houthis são um grupo rebelde e separatista que atua principalmente na região oeste do país e que, no início do conflito, contou com o apoio do ex-presidente Saleh, até o rompimento formal entre os dois atores com seu assassinato no ano de 2017 por um dos rebeldes do grupo (EX-PRESIDENTE..., 2017). A Figura 1 mostra o controle territorial dos diferentes atores envolvidos no conflito iemenita.

¹ Mestranda em Relações Internacionais no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais ‘San Tiago Dantas’ (Unesp, Unicamp, PUC-SP). Membro do Observatório de Conflitos do GEDES. Contato: beatricedaudtb@gmail.com.

² Graduando em Relações Internacionais na Unesp, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Campus de Franca. Membro discente do Observatório de Conflitos do GEDES. Contato: heitor.neves@unesp.br.

Figura 1 - “Iêmen: quem controla o quê?”



Fonte: HADDAD, 2022.

Desde 2015, a coalizão composta por oito países árabes, majoritariamente sunitas e apoiados pelos Estados Unidos, Reino Unido e França, direciona ataques aéreos contra os houthis no país com o objetivo de restaurar o governo de Hadi, sucessor de Saleh. Todavia, as ações militares da coalizão são alvo de críticas internacionais, por ter alvos não militares o que, consequentemente, gera um número elevado de mortes e feridos civis, bem como pela destruição da infraestrutura iemenita. Frente a tal cenário, o presente artigo tem como objetivo contribuir para a discussão sobre a configuração política do conflito no Iêmen e o envolvimento dos Estados Unidos, bem como sobre os reflexos do fornecimento de armamentos estadunidenses para a Arábia Saudita enquanto um fator determinante para a crise humanitária instaurada atualmente no país.

As ações da coalizão árabe e as consequências para a população iemenita

O conflito iemenita tem suas origens na Primavera Árabe (2011) quando uma revolta popular expressou o descontentamento da população com o governo do então

presidente Ali Abdullah Saleh e passou a exigir a sua retirada. Na ocasião, o movimento foi violentamente reprimido pelas forças do governo. A manutenção do clima de insatisfação e a sucessão de crises internas, além de diversas denúncias internacionais de corrupção e violação dos direitos humanos, levaram o presidente Saleh a renunciar em 2014 em favor de seu vice, Abd Rabbuh Mansur Hadi. O presidente Hadi governou em meio a um ambiente de profunda instabilidade caracterizado pelos crescentes ataques da Al-Qaeda e de um movimento separatista no sul do país, por denúncias de corrupção, pelo aumento da insegurança alimentar da população e ainda pelo fato de que muitos militares seguiam leais ao governo anterior de Saleh.

Neste cenário, o movimento houthi, que defende a minoria xiita zaidi do Iêmen³ e que, ainda na década passada, lutou em rebeliões contra Saleh, se aproveitou do contexto de instabilidade para assumir o controle da província de Saada e de zonas próximas. Desiludidos com a conjuntura política, muitos iemenitas, mesmo sunitas, apoiaram os houthis, e ao final de 2014 os rebeldes tomaram Sana, a capital do país, forçando Hadi a se exilar na Arábia Saudita, país ao qual teria solicitado apoio militar (SAIBA..., 2015). Em março de 2015, a Arábia Saudita e outros oito países árabes - dentre eles, Emirados Árabes Unidos, Egito, Marrocos (até 2019), Jordânia, Sudão, Kuwait, Qatar (até 2017) e Bahrein - formalizaram uma coalizão internacional e passaram a promover ataques aéreos sistemáticos contra alvos houthis no Iêmen.

No mesmo mês, os Estados Unidos declararam apoio ao governo de Hadi e sua participação na coalizão liderada pela Arábia Saudita. Neste período, em comunicado oficial, a então porta-voz do Conselho Nacional de Segurança dos Estados Unidos, Bernadette Meehan, informou que o então presidente Barack Obama havia autorizado a provisão de apoio logístico e de inteligência para operações lideradas pelo Conselho de Cooperação do Golfo (GCC, na sigla em inglês), além de estabelecer um plano conjunto com a Arábia Saudita para o fornecimento de apoio militar e estratégico norte-americano (MEEHAN, 2015).

A coalizão temia que o sucesso dos houthis daria ao Irã, rival regional e país majoritariamente xiita, um ponto de apoio no Iêmen, vizinho da Arábia Saudita. O país saudita acusa o governo de Teerã de fornecer apoio militar e logístico aos rebeldes

³ De acordo com o *World Factbook* (2022) da agência de inteligência norte-americana, CIA, o Iêmen é composto majoritariamente por árabes, mas também por afro-árabes, sul asiáticos e europeus. Quanto à religião, o país é dividido entre muçulmanos (99,1% da população, sendo 65% sunitas e 35% xiitas) e praticantes de outras religiões (0,9% da população), como judeus, hindus, cristãos e praticantes da Fé de Baha'i.

houthis, acusação que o Irã nega. As tropas da coalizão conseguiram se estabelecer na cidade imenita de Áden e expulsaram os houthis e seus aliados de grande parte do país. Já em abril de 2022 o presidente Hadi, que estava em exílio em Riad desde 2015, retornou ao Iêmen para renunciar o governo em prol de uma aliança anti rebeldes em meio a novos esforços de negociações de paz frente a instaurada crise humanitária que assola o país nos últimos sete anos (PRESIDENTE..., 2022).

Conforme o *Yemen Data Project* (2022), projeto independente de coleta de dados que tem como objetivo disseminar informações sobre a conduta dos atores políticos no conflito no Iêmen, desde o início da campanha aérea da coalizão liderada pela Arábia Saudita, foram registrados mais de 25 mil ataques aéreos, com um balanço de mais de 8 mil mortos e mais de 10 mil feridos. Os ataques da coalizão se concentram na porção oeste do país (antigo “Iêmen do Norte”)⁴, região em que se registram as atividades dos houthis, com destaque para os distritos de Sana e Sadah. Ainda com base nos dados divulgados, pode-se identificar picos de violência entre março de 2015 e março de 2018, um novo processo de intensificação a partir de janeiro de 2020 e ainda um novo pico de violência no início do ano de 2022 (YEMEN DATA PROJECT, 2022). No entanto, a partir de março verificou-se um arrefecimento das hostilidades da coalizão, possível resultado do avanço nas negociações de paz entre as partes (SALEM; KOLIRIN, 2022).

Envolvimento dos Estados Unidos e a crise humanitária

A estabilidade do Iêmen é uma preocupação fundamental para os Estados Unidos, por se tratar de um dos maiores exportadores de petróleo do Oriente Médio, além de arriscar enfraquecer a influência regional da Arábia Saudita, aliado norte-americano na região, com a destituição de um governo pró-Estados Unidos e Arábia Saudita e a instituição de uma aliança rebelde, similar ao que ocorreu no Afeganistão no início de 2022, com a tomada do governo pelos Talibãs. O suporte norte-americano é visível no seu expressivo apoio político a Hadi e no fornecimento de armamentos à Arábia Saudita durante os anos de conflito. Conforme dados do *Stockholm Institute for Peace Research* (2015) (divulgados no SIPRI Yearbook de 2015) entre os anos de 2010 e 2014 os Estados

⁴ Em 1988, o país se dividiu entre suas porções oriental e ocidental, com a criação da República Popular Democrática do Iêmen ao leste, com a capital em Áden, e a República Árabe do Iêmen ao oeste, com a capital na cidade de Sana'a (GEO HISTORY, 2018). A divisão entre as duas Repúblicas partiu de divergências ideológicas entre os grupos políticos dominantes nos dois Estados, sendo a República Popular governada por um partido único socialista e alinhada à União Soviética, enquanto a República Árabe manifestava a manutenção dos costumes fundamentados na *sharia*, espécie de legislação islâmica. A reunificação ocorreu em 1990, com a aproximação dos dois governos e o enfraquecimento da União Soviética.

Unidos foram responsáveis por 32% do fornecimento mundial de armamentos para a região do Oriente Médio, sendo seus principais parceiros a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos, acompanhados de outros países do Golfo. Ainda no período analisado, a Arábia Saudita se destacou como o segundo maior importador mundial de armamentos, concentrando 23% das importações na região.

Com o crescimento do volume dessas importações e maior sofisticação dos materiais militares utilizados, a tendência foi a de os Estados árabes empregarem o uso de armamentos em operações extraterritoriais, inclusive no Iêmen. Dados atuais divulgados pelo Serviço de Pesquisa do Congresso Norte-americano (2020), reafirmam que os Estados Unidos continuam sendo os principais fornecedores de armamentos para o Oriente Médio, sendo que esta prática é um dos mais importantes meios do Congresso Nacional de influenciar a política externa norte-americana para a região, uma vez que todos os pedidos de comercialização de armamentos são revisados e autorizados pelo Congresso, o que garante certa centralidade dessa instituição na discussão.

As tentativas do Congresso de aumentar a supervisão do uso de armamentos norte-americanos pelos sauditas em operações no Iêmen, bem como de rejeitar a venda de armamentos e munições adicionais para o Exército Saudita, foram vetadas pelo ex-presidente Donald Trump, permitindo a continuidade dessas vendas. Diante do Congresso Nacional, oficiais dos Departamentos de Estado e de Defesa reconheceram a ocorrência de causalidades civis em ataques da Arábia Saudita e da coalizão. No entanto, foi reiterado que os Estados Unidos promoveram treinamentos com o objetivo de aumentar a precisão dos ataques, e diminuir as causalidades civis, o que não aconteceu. Neste sentido, se questiona se a venda de munições e armamentos norte-americanos para países envolvidos no conflito do Iêmen e acusados de violações dos direitos humanos pode ser considerada como um fator de responsabilidade compartilhada.

Para além dos números de mortes e feridos civis vítimas do conflito, atualmente estima-se que em torno de 23,4 milhões de pessoas no Iêmen precisam de algum tipo de assistência humanitária (UN NEWS, 2022). Conforme informações disponibilizadas pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, em torno de 19 milhões de pessoas sofrem de insegurança alimentar no país e 4,2 milhões estão em situação de deslocamento forçado (WFP, 2022). Diante dessa conjuntura, a Arábia Saudita e seus aliados (especialmente os Emirados Árabes Unidos) são acusados de desrespeitarem as regras do Direito Internacional Humanitário (DIH). As acusações mencionam, por exemplo, o identificado uso desproporcional e indiscriminado da força (FARIA, 2020),

inclusive contra a infraestrutura civil do país: escolas, hospitais, farmácias e supermercados, por exemplo.

O reconhecimento do princípio da legalidade da autodefesa, ou seja, do emprego de meios militares para a eliminação de fontes de insegurança para determinado Estado, contanto que tais fontes de segurança ameçam diretamente a estrutura social desse país, justifica o fornecimento de aparatos bélicos por parte dos Estados Unidos para seus aliados, como forma de aumentar sua segurança interna e diminuir as ameaças, sobretudo de grupos armados não estatais. Por outro lado, como destaca o DIH, mesmo na guerra devem ser impostos limites sobre a violência e os princípios humanitários devem ser priorizados, evitando os ataques feitos de forma desproporcional ou indiscriminada.

O argumento da autodefesa foi usado para justificar a manutenção do apoio prestado pelos Estados Unidos para Israel e contra a Palestina, por exemplo. No caso de apoio à Árabia Saudita, tal estratégia da autodefesa é uma forma de reforçar a influência desse parceiro regional, bem como de dificultar o fortalecimento do Irã na região, inimigo tanto saudita quanto estadunidense. Nesse sentido, a guerra iemenita pode ser entendida como uma guerra por procuração⁵, na qual tanto os Estados Unidos e a Arábia Saudita quanto o Irã mobilizam seus apoios para grupos envolvidos no conflito, com o objetivo de influenciar os resultados do conflito, como forma de assegurar seus interesses políticos, sem precisarem mobilizar suas próprias tropas. Todavia, entende-se, por fim, que neste complexo cenário de interesses políticos entre atores nacionais, regionais e internacionais, a manutenção da venda de armamentos e munições por parte dos Estados Unidos pode ser entendida como uma aprovação de tais campanhas militares contra grupos armados no Iêmen, e que tem apresentado reflexo direto na conjuntura humanitária.

REFERÊNCIAS

- A ‘GUERRA esquecida’ no Iêmen: 8 anos de conflito e 700 ataques aéreos em um mês. **BBC News Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60758741>. Acesso em maio. de 2022.
- CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE. Arms sales in the Middle East: Trends and Analytical Perspectives for U.S. Policy. **Congressional Research Service**, 2020. Disponível em: <https://sgp.fas.org/crs/mideast/R44984.pdf>. Acesso em jun. de 2022.

⁵ Segundo Loveman (2004, p.32), as guerras por procuração seriam conflitos que contariam com a “participação, normalmente de Grandes Potências, de forma indireta em um conflito de terceiros, com o objetivo de influenciar o seu resultado estratégico”.

EX-PRESIDENTE do Iêmen morre após ser alvo de ataque. **G1 Mundo**, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/casa-de-ex-presidente-do-iemen-e-alvo-de-ataque.ghtml>. Acesso em maio. de 2022.

FARIA, Marcelo. Guerra do Iêmen: a ilegalidade internacional do bloqueio dos portos. **Revista Relações Exteriores**, 2020. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/guerra-no-iemen-a-ilegalidade-internacional-do-bloqueio-dos-portos/>. Acesso em maio. de 2022.

GEO HISTORY. Yemen - 28 years of history on a Map. **YouTube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M1Am70v8y5A>.

GRAAN. Rebeldes houthi do Iêmen lançam míssil balístico contra capital da Arábia Saudita. **Estratégia Global**, 2017. Disponível em: <https://estrategiaglobal.blog.br/2017/11/rebeldes-houthi-do-iemen-lancam-missil-balistico-contracapital-da-arabia-saudita.html>. Acesso em maio. de 2022.

HADDAD, Mohammed. Infographic: Yemen's war explained in maps and charts. **Al Jazeera News**, 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/2/9/yemens-war-explained-in-maps-and-charts-interactive>. Acesso em jun. de 2022.

IÊMEN: a maior crise humanitária do mundo. **Centro Regional de Informações para a Europa Ocidental**, 2021. Disponível em: <https://unric.org/pt/iemen-a-maior-crise-humanitaria-do-mundo/>. Acesso em mai. de 2022.

LOVEMAN, Chris. Assessing the phenomenon of proxy intervention. **Conflict**,

MEEHAN, Bernadette. Statement by NSC Spokesperson Bernadette Meehan on the Situation in Yemen. **Office of the Press Secretary**, 2015. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:z3Lz4dmCy3gJ:https://obama.whitehouse.archives.gov/the-press-office/2015/03/25/statement-nsc-spokesperson-bernadette-meehan-situation-yemen+&cd=1&hl=en&ct=clnk&gl=uk>. Acesso em maio. de 2022.

PRESIDENTE do Iêmen entrega governo a aliança anti-rebeldes em meio a negociações de paz. **Folha de São Paulo**, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/04/presidente-do-iemen-entrega-governo-a-alianca-anti-rebeldes-em-meio-a-negociacoes-de-paz.shtml>. Acesso em maio. de 2022.

SAIBA quem são os hutis, os rebeldes que derrubaram o governo do Iêmen. **BBC News Brasil**, 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150123_huties_rebeldes_saudita_fn. Acesso em jun. de 2022.

SALEM, Mostafa; KOLIRIN, Lianne. Coalizão liderada pela Arábia Saudita concorda com trégua no Iêmen. **CNN Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/coalizao-liderada-pela-arabia-saudita-concorda-em-tregua-no-iemen/>. Acesso em maio. de 2022.

Security & Development, v. 2, n. 03, p. 29-48, 2002.

SIPRI YEARBOOK. International arms transfers and arms production. **SIPRI**, 2015. Disponível em: <https://www.sipri.org/yearbook/2015/10>. Acesso em jun. de 2022.

UN NEWS. Yemen war now ‘chronic emergency’ as million face hunger. **UN News**, 2022. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2022/03/1114002>. Acesso em jun. de 2022.

WFP. Yemen. **World Food Program**, 2022. Disponível em: https://www.wfp.org/countries/Yemen?utm_source=bing&utm_medium=cpc&utm_campaign=419136823&utm_content=1279831955767506&gclid=2ee842afcbc616b3b1b82009d8941d7b&gclid=2ee842afcbc616b3b1b82009d8941d7b. Acesso em jun. de 2022.

YEMEN DATA PROJECT. Disponível em: <https://yemendataproject.org/>. Acesso em jun. de 2022.